



ENCONTRO EM PEQUIM

Depois de Trump, a vez de Putin

Xi Jinping recebe o presidente da Rússia, passados quatro dias da visita do colega norte-americano, Donald Trump. Na agenda, a reafirmação de uma parceria construída como contraponto à hegemonia político-militar dos Estados Unidos

» SILVIO QUEIROZ

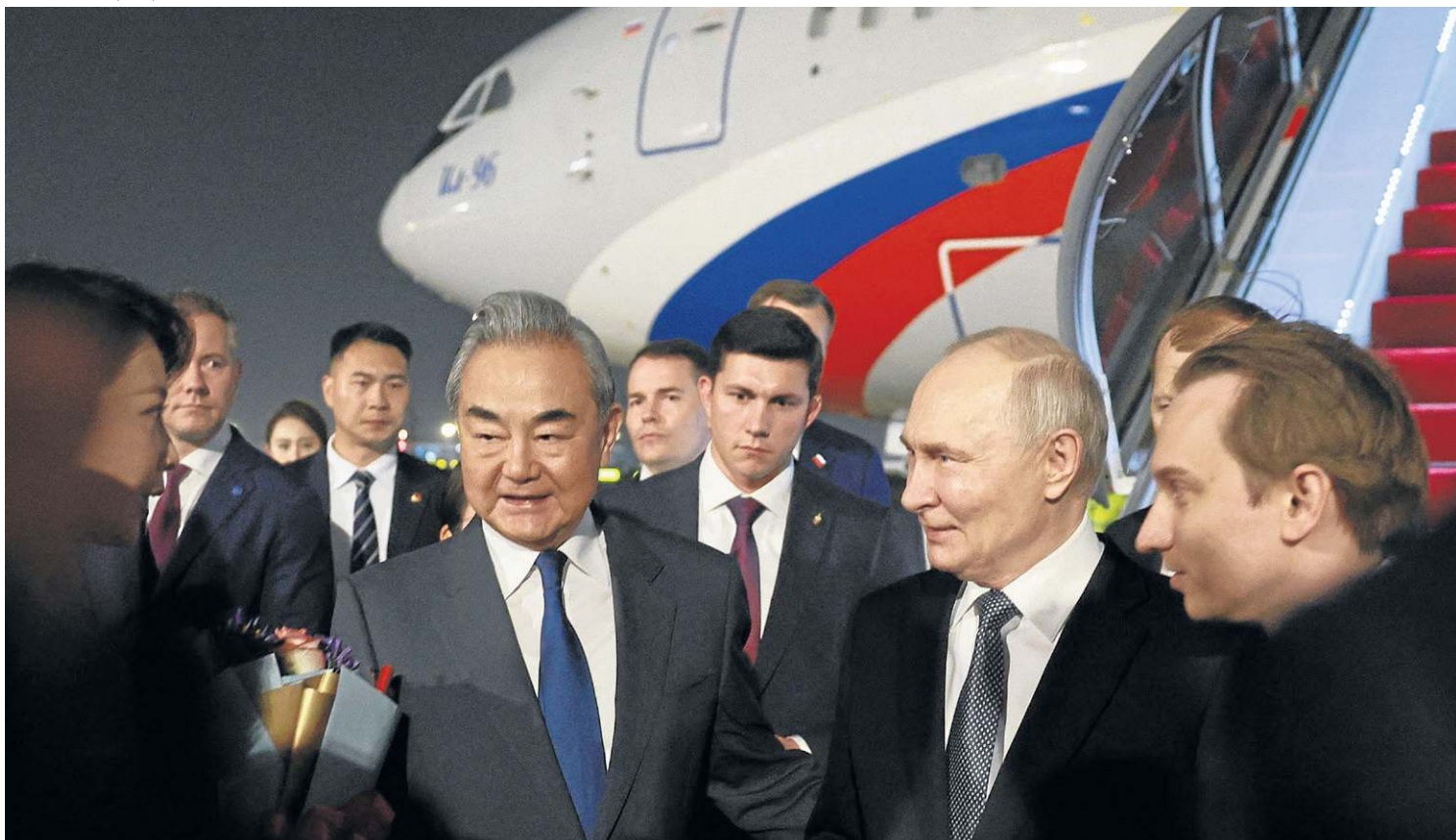
Apenas quatro dias depois de se despedir de Donald Trump, em Pequim, o presidente da China, Xi Jinping, recebe por dois dias o colega da Rússia, Vladimir Putin, que chegou disposto a “fortalecer ainda mais” a parceria estratégica entre os dois países e “trocar opiniões sobre questões cruciais de âmbito regional e internacional”, segundo informou o Kremlin. No centro da agenda, além da cooperação econômica, em especial no terreno energético, as guerras em curso no Oriente Médio e na Ucrânia, que Putin invadiu em fevereiro de 2022 — e, desde então, visitou a capital chinesa anualmente.

“Putin busca tanto reforçar o laço geopolítico e estratégico com a China quanto mostrar que não está isolado, internacionalmente”, disse ao **Correio** Roberto Goulart Menezes, professor titular do Instituto de Relações Internacionais da UnB. “Desde que assumiu o poder, em 2000, ele já teve 25 encontros com os líderes chineses.” Não por acaso, os presidentes das duas potências do Brics tratam-se como “velhos amigos”. Tampouco foi casual que Xi tenha citado Putin nominalmente quando conduzia Trump, na semana passada, pelos jardins de Zhongnanhai, reservado complexo onde raríssimos visitantes são admitidos — o presidente russo foi o exemplo escolhido pelo anfitrião para ilustrar a dimensão do privilégio.

“O que se espera é que Xi informe Putin sobre os resultados da cúpula com Trump e os próximos passos das relações entre China e EUA”, concorda Lyle Morris, pesquisadora senior sobre política externa chinesa no think tank norte-americano Asia Society. “À parte disso, as guerras na Ucrânia e no Irã devem dominar as conversações”, avalia. “Putin depende muito do apoio chinês à economia da Rússia, como um salva-vidas para sustentar a guerra na Ucrânia. E gostaria muito de ouvir sobre os próximos passos da China no Oriente Médio.”

Em mensagem em vídeo endereçada “ao povo chinês”, o visitante afirmou que as relações bilaterais atingiram “um nível verdadeiramente sem precedentes”, e exaltou o crescimento continuado das trocas comerciais. “Sem nos

Vladimir Smirnov/Pool/AFP



Putin (C) é recebido no aeroporto pelo chanceler Wang Yi: “aliança sem limites” sob teste em meio às guerras na Ucrânia e no Oriente Médio



Sem nos aliarmos contra ninguém, buscamos a paz e a prosperidade universal”

Vladimir Putin,
presidente da Rússia

aliarmos contra ninguém, buscamos a paz e a prosperidade universal”, acrescentou, sem mencionar nenhum terceiro país.

“A China não recebe Putin como se estivesse recebendo os EUA”, observa o professor da UnB. “O que ela vê é como pode manter a Rússia mais perto, sem estremeecer os laços com os EUA.” Na análise de Roberto Menezes, as relações entre Pequim e Washington “ficam mais no campo da disputa estratégica, em especial no campo da tecnologia, e também

Greg Baker/AFP



Bandeiras da Rússia e da China diante do retrato de Mao Tsé-tung

da disputa pela influência no mundo”. Embora Xi trate Putin “com toda a deferência e respeito”, o estudioso vê “uma assimetria muito grande” entre os dois, ainda que sejam sócios no Brics. “É a ideia de que está em construção, em marcha uma outra ordem internacional, ou seja,

a criação de regras, de instituições, para compartilhar a prosperidade, como dizem os chineses.”

Petróleo na pauta

A guerra iniciada por EUA e Israel contra o Irã, e mais especialmente a



A China não recebe Putin como se estivesse recebendo os EUA”

Roberto Goulart Menezes,
professor de relações internacionais da UnB

crise no Estreito de Ormuz, acentuam uma relação de dependência mútua entre Pequim e Moscou, no terreno econômico. “A China mira, sobretudo, na energia, porque produz metade do petróleo de que precisa. A outra metade — e cada vez ela precisa de mais — tem que importar de diversas fontes”, explica Menezes. Praticamente impedida de exportar para a Europa, por causa da invasão à Ucrânia, a Rússia tem na vizinha asiática “o principal aliado, que acabou a socorrendo”. As

Duas perguntas para

LYLE MORRIS, pesquisadora senior sobre política externa da China na Asia Society

O que se pode esperar das conversas entre Xi e Putin?

Putin gostaria muito de ouvir sobre os próximos passos da China no Oriente Médio. Muita gente espera que Xi reforce sua diplomacia junto ao Irã; e Trump, em sua visita a Pequim, sinalizou claramente que espera da China um papel central, inclusive na ajuda para reabrir o Estreito de Ormuz. Rússia e China são dois atores de peso no Oriente Médio, ao lado dos EUA, e devem coordenar suas políticas, caso Pequim decida jogar um papel mais relevante.

Que significado tem a chegada do presidente russo apenas dias depois da partida de Trump?

Não é coincidência que seja Putin o primeiro visitante de Estado estrangeiro depois de Trump.

Xi vê suas relações com Putin, e as da China com a Rússia, como as mais importantes, afora as relações com os EUA. Ele se encontrou com Putin mais vezes do que com qualquer outro líder. É muito simbólico que tenha decidido recebê-lo novamente tão em seguida do encontro com o presidente dos EUA.

sanções impostas pelos EUA e pelos europeus praticamente estrangularam as exportações russas.

Os dois países discutem há quase 10 anos a construção do oleoduto Força da Sibéria 2, projeto de alto custo que, por isso mesmo, continua em discussão sobre as pranchetas dos especialistas de ambos os lados. “Agora, com o fechamento do Estreito de Ormuz, a segurança energética chinesa passa por novas fontes de suprimento estáveis, como a Rússia, que detém as maiores reservas do mundo”, lembra o professor da UnB. Ele vê a possibilidade de que o projeto avance nessa visita, talvez com um anúncio sobre o começo da construção do oleoduto. “O fato é que, hoje, a economia russa depende quase exclusivamente das relações com o governo chinês.”

AMÉRICA DO SUL

Bolívia enfrenta “golpe de Estado”, dizem EUA

» RODRIGO CRAVEIRO

O subsecretário de Estado dos EUA, Christopher Landau, denunciou que a Bolívia enfrenta uma “tentativa de golpe de Estado”. “Isto é um ‘golpe’ financiado por essa aliança entre política e crime organizado em toda a região (América Latina)”, declarou Landau ao discursar no Conselho das Américas, think tank de Washington. “Não pode ser que haja um processo democrático no qual (Paz) foi eleito de forma esmagadora pelo povo boliviano há menos de um ano, e agora haja manifestantes violentos bloqueando as ruas”, acrescentou.

Com seis meses no poder, o presidente Rodrigo Paz (centro-direita), atravessa a pior crise política de seu governo e culpa simpatizantes do antecessor Evo Morales (esquerda) pela convulsão social que sitia La Paz há duas semanas. Na segunda-feira, manifestantes armados de explosivos, paus e pedras

entraram na Plaza de Armas, onde se situa o Palácio Quemado, sede do Executivo. Eles exigiam a renúncia de Paz.

As autoridades aguardam novos protestos e mobilizaram 2.500 policiais. O ministro das Relações Exteriores, Fernando Aramayo, anunciou que La Paz apresentará denúncia formal ante a Organização dos Estados Americanos (OEA) por suposto “atentado à democracia e à estabilidade política”. O país atravessa a mais grave turbulência econômica em quatro décadas.

O Ministério Público da Bolívia abriu uma investigação por tentativa de homicídio, destruição de bens do Estado, roubo agravado e instigação pública à delinquência, depois da ameaça de invasão ao Palácio Quemado. De acordo com o jornal boliviano *El Deber*, 29 das 130 pessoas detidas durante os distúrbios seguem sob custódia policial. Foragido, Evo Morales teve mandado de prisão

Aizar Raldes/AFP



Moradora observa viatura policial incendiada em protesto em La Paz

renovado, em 11 de maio, por suposto tráfico de uma menor de 15 anos, a qual ele engravidou.

Professor de ciência política da Universidad Mayor de San Andrés (em La Paz), Marcelo Arequipa

afirmou ao **Correio** que a Bolívia começa a entrar em uma “crise de Estado”. “É um momento no qual quem pode exercer o uso legítimo da força constitucional e legal para colocar ordem não o faz. Prova

Eu acho...

Arquivo pessoal



“Existe o risco de vigilância generalizada ou de guerra civil. Isso porque os pontos de bloqueios começaram a se expandir do departamento (estado) de La Paz para outras regiões. Por isso, creio que esse risco esteja cada vez mais latente e mais próximo.”

MARCELO AREQUIPA, professor de ciência política da Universidad Mayor de San Andrés (em La Paz)

disso foi a operação fracassada, no fim de semana, entre militares e policiais. Outra prova é a enorme violência registrada em La Paz nas últimas semanas”, disse. Arequipa crê que o governo de Rodrigo Paz comete um grande erro, ao conferir a Evo Morales um capital político que o cocaleiro não mais tem. “Paz atribui a Evo a autoria das mobilizações organizadas por setores que não o apoiavam em sua gestão.”

Em relação às medidas judiciais anunciadas por Paz para tentar pacificar a Bolívia, o especialista lembrou que o máximo dirigente da Central de Trabalhadores, Mario Argollo, tem uma ordem de captura contra ele e está foragido. “Vejo um problema, porque, ao agir assim, o governo de Rodrigo Paz queima as pontes de negociação e de possíveis acordos com os setores mobilizados”, avaliou.